

O Guarani e Maíra: O índio como herói e anti-herói

Profa. Dra. Maria Raimunda Gomes
Universidade Estadual de Goiás

RESUMO: Este artigo tem como objetivo propiciar um estudo comparativista das personagens indígenas nos romances *O guarani*, de José de Alencar e *Maíra*, de Darcy Ribeiro. E para atingirmos a nossa meta, valer-nos-emos de uma abordagem literária, histórica e ideológica, uma vez que o índio tem sido caracterizado de forma polêmica na ficção brasileira: ora é-nos apresentado como herói (bom selvagem), ora como anti-herói (antropófago, sem caráter e sem identidade).

Palavras-chave: herói, anti-herói, ficção.

O GUARANI AND MAÍRA: THE INDIGENOUS AS HERO AND ANTI-HERO

ABSTRACT: This article aims to develop a comparative study of the indigenous characters in the novels, *O guarani*, by José de Alencar and *Maíra*, by Darcy Ribeiro. In order to achieve our goal, we will apply a literary approach, historical and ideological, once the indigenous has been characterized in a controversy in the Brazilian fiction: sometimes the Indian is shown to us as a hero (good savage), sometimes as an anti-hero (anthropophogus, with no character or identity).

Key words: hero, anti-hero, fiction

INTRODUÇÃO

A temática do indianismo no romance do Romantismo, no Brasil, será desenvolvida por José de Alencar em três obras: *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Influenciado pela leitura do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de J. -J. Rousseau, em que se contrasta a sociedade europeia, do século XVIII, corrompida pela cultura e a natureza primitiva do homem, na figura do “bom selvagem”; também influenciado pelos romancistas Chateaubriand e Fenimore Cooper que descobriram o exotismo nas culturas pré-colombianas, José de Alencar que tinha esse *leitmotiv* em casa, soube valer-se dele com maestria. Já havia em nossa literatura nativista os poematos épicos: *O uruguai* (1769), de Basílio da Gama, o *Caramuru* (1781), de St^a Rita Durão; e no Romantismo, a poesia indianista de Gonçalves Dias, notavelmente, “I Juca Pirama” (1851). Conforme o prisma dessa estética literária, o índio era idealizado como o “homem bárbaro (que) não curva a cabeça ao jugo que o homem civilizado carrega” (Rousseau, 2002, p. 227), e pelo código moral, os índios são “talhados segundo um único molde — os cavaleiros medievais” (Moisés, 1985, p. 94). Com o surgimento da estética do Modernismo, o índio irá ganhar outras faces em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e em *Maíra* (1976), de Darcy Ribeiro. No primeiro, o índio Macunaíma irá “personificar a falta de caráter, o caos de moralidade e pitoresco do jovem Brasil” (Coutinho, 1997, p. 291), enquanto no segundo, o índio Isaías-Avá será o “exemplo do indígena exilado de seus mitos, sua cultura” (Graça, 1998, p. 91). Dos romances mencionados nessa introdução que retrataram o índio como herói (um híbrido do bom selvagem e do cavaleiro medieval) e anti-herói (um pícaro, um ser despersonalizado ou um herói problemático), iremos cotejar *O guarani* e *Maíra* com o objetivo de analisar as diferenças e as semelhanças das personagens e de suas peripécias no enredo.

1. A caracterização do herói e anti-herói

É necessário fazermos aqui uma breve discussão de teorias literárias que fundamentam a caracterização do herói e anti-herói. Flávio R. Kothe, em seu livro *O herói* (1985), faz a seguinte divisão: “herói épico”, “anti-épico”, “trágico”, “bíblico”, “heróis baixos e altos”, e da “modernidade”, permitindo-nos, assim, uma visão detalhada dos vários tipos de herói. O épico, segundo Kothe, passa por grandes dificuldades e provações, e a sua grandeza é constituída de uma série de baixezas como vimos na *Ilíada*, em relação ao herói Heitor. Este teve medo de morrer, foi vencido e tripudiado; porém se a sua epicidade decaiu, o herói cresceu em humanidade e na simpatia do leitor. Já o anti-herói épico, por ser cômico, desanuviava a tensão do trágico para o rapsodo retornar ao tom épico. Exemplo: um deus, na *Ilíada*, sendo atingido por uma lança no traseiro, retorna, de maneira grotesca para o Olimpo.

Quanto ao herói trágico que é um bode expiatório, à proporção que a sua desgraça aumenta, maior é a sua grandeza. Por isso, em *Édipo rei* tem-se o percurso da superioridade de um herói, o desvelamento de sua queda e a descoberta de sua maior grandeza na queda. Com relação ao herói bíblico, Cristo é, na Bíblia, ao mesmo tempo deus e homem; reúne em si, como um híbrido, o alto da divindade com o baixo da humanidade. Cristo assemelha-se ao mito grego “Prometeu”; ambos se propõem salvar a humanidade, embora punidos por seus atos, conseguem ressurgir gloriosamente.

Ainda de acordo com Flávio R. Kothe, os heróis baixos são encontrados na comédia, na sátira e na narrativa picaresca. Em *As nuvens* de Aristófanes, o filósofo Sócrates é colocado no alto do palco para contrastar com o baixo; o alto significaria o plano físico e o baixo, o plano espiritual; e assim poder questionar como em um corpo tão feio foi possível desenvolver pensamentos elevados. Já na sátira, temos a vingança dos fracos contra os poderosos; embora “Fanfarrão Minésio”, personagem das *Cartas*

Chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga, seja um governante poderoso, não passa de um vilão. E na novela picaresca, como, por exemplo, o *Lazarillo de Tormes*, o pícaro é um manipulador de mil truques necessários à sobrevivência; sua história de vida representa uma crítica indireta às condições proletárias de trabalho.

Flávio R. Kothe irá apresentar-nos os heróis nacionais como sendo heróis altos. Pode ser uma figura como Tiradentes, um herói precursor da libertação nacional ou como Duque de Caxias, um herói da unidade do Brasil. E no que concerne ao herói da modernidade, temos como exemplo o pseudo herói, Leopold Bloom, do romance *Ulisses*, de Joyce. Ele é um rebaixamento do herói clássico Odisseu ou Ulisses, pois não realiza grandes gestos épicos. Leopold Bloom pode ser entendido como uma alegoria da Irlanda, da degradação vivida por esse país ao ser dominado pela Inglaterra.

O filósofo Georg Lukács, ao fazer um estudo crítico do herói do romance, instituiu a nomenclatura “herói demoníaco”, visto que a forma interna do romance é configurada como sendo “a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo” (Lukács, 2000, p. 82). Este estudo de Lukács foi retomado por Lucien Goldmann, em *A sociologia do romance*, que considera o romance um gênero épico caracterizado pela ruptura insuperável entre o herói e o mundo. Dessa forma, a inadaptação do herói em relação ao mundo que o cerca, por não encontrar nele valores autênticos, torna-o problemático. Há, portanto, uma tensão entre personagem e sociedade, pois ele recusa a aceitar a mediação do valor de troca, próprio do sistema capitalista, e orienta-se pelo valor de uso, em que a sua ação adquire um caráter implícito (Goldmann, 1976, p. 17). Por ser o romance a história da busca de uma verdade, ele subordina a ação ao herói e seu problema. Há que se levar em conta que essa teoria foi elaborada a partir de estudos sobre romances do século XIX e meados do século XX.

Com base nessa fundamentação teórica, pode-se afirmar que as personagens D. Antônio de Mariz, Álvaro de Sá e o índio Peri, de *O guarani*, são genuinamente heróis

épicos em virtude da têmpera guerreira que lhes é atribuída. D. Antônio de Mariz é descrito como um português aventureiro que fez parte da expedição que expulsou, em 1578, os franceses do Rio de Janeiro; “homem de valor, experimentado na guerra ativo, afeito a combater os índios (...)” (Alencar, 2004, p. 17). Em recompensa, recebeu de Mém de Sá uma sesmaria, onde se refugiou depois de ter ficado desgostoso com a ascensão do rei da Espanha, D. Filipe II, ao trono português. Quanto ao cavalheiro Álvaro de Sá, chefiava, sob as ordens do fidalgo D. Antônio, caravanas de aventureiros “que se entranhavam pelos sertões do Brasil, à busca de ouro, de brilhantes (...)” (Alencar, p. 21), embora fosse um homem livre, era fiel ao fidalgo, em razão de seu amor à Cecília. Esta moça, filha de D. Antônio, tinha perfil europeu: loira, de olhos azuis; será a heroína do romance. Já Peri, embora selvagem, era visto pelo português, como “um homem de sentimentos nobres e de alma grande” (Alencar, p. 63). Peri deixa de ser chefe da tribo Goitacás para servir a D. Antônio e sua filha Cecília, em virtude de uma dívida moral: sua mãe fora salva por esse fidalgo.

Estes heróis passarão por duras provas para comprovar o caráter íntegro e a coragem de que eles são revestidos. D. Antônio e Álvaro enfrentarão um grupo de aventureiros infiéis; e também o ataque dos Aimorés, resistindo-lhes até a morte. Enquanto Peri revelará a sua extremada bravura, ao oferecer-se como vítima sacrificial em um ritual de antropofagia dos Aimorés, embora esse sacrifício não tenha sido consumado; outrossim, ao ter se vingado dos aventureiros, inimigos do fidalgo. Além de tais proezas, consegue sair ileso das chamas que queimam o castelo, tendo Cecília nos braços; e ainda possui forças suficientes para passar por um abismo e arrancar uma palmeira quase coberta por uma enchente; assim o herói e heroína puderam sair incólumes em meio a tantos perigos. Vimos que José de Alencar valeu-se do romance “capa e espada”, do imaginário europeu sobre o índio para contar de maneira fantasiosa a gestação do povo brasileiro.

A visão de mundo do romance *Maíra* diferirá bastante da visão de *O guarani*, a começar pelo tratamento dado aos personagens. Assim sendo, os heróis de *Maíra* caracterizar-se-ão pela profundidade psicológica: o índio Isaiás-Avá e a brasileira Alma irão revelar-se seres problemáticos; ambos estão à procura de valores autênticos em uma sociedade degradada. Isaiás-Avá busca a plenitude do ser no cristianismo e na civilização européia, mas descobre-se um ser alienado, expatriado, sem identidade, dada a impossibilidade da civilização dos brancos aceitar as diferenças, como, por exemplo, admitir um índio como sacerdote da igreja cristã. Também ao voltar às suas origens, defronta-se com o mundo tribal prestes a ruir; as tradições e a religiosidade de seu povo já estão sendo corroídas em contato com as civilizações européia e brasileira. A personagem Alma revela-se um ser problemático que não aceita as convenções e o falso moralismo da sociedade brasileira; e numa busca desesperada de valores verdadeiros, acredita ser possível encontrá-los no seio de um povo tribal. Mas a sua busca será frustrada; é uma utopia querer fazer o caminho inverso: da civilização tecnológica para a civilização primitiva.

Esse romance deixa patente a inviabilidade de se delinear com traços épicos a figura do índio; o último a possuir esses traços, o cacique Anacã, da tribo mairum, já está morto. E não há quem possa substituí-lo, pois os mitos e as tradições dessa nação indígena também já agonizam. Os herdeiros da função de cacique, Avá e Jaguar, ainda não estão preparados para serem o novo tuxaua. O herói problemático ou anti-herói Avá revela-se um anti-Maíra, isto é, vai contra os ensinamentos da divindade Maíra, pois não sabe caçar, nem dar conselhos; mostra-se arredio com as mulheres e homens da tribo, porque “veio na forma do embuçado, que não se deixa ver” (Ribeiro, 1984, p. 262). Quanto ao jovem índio Jaguar, há nele características do pícaro, o que o aproxima das divindades Maíra e Micura, que tiveram que trapacear Mairahú, o velho pai, para melhorar o mundo, que era muito triste, sem alimentos e coberto pelas trevas. Jaguar é brincalhão,

caçador, corajoso e namorador. Não deseja para si a responsabilidade de tuxaua, pois sua vontade é correr mundo. Ele e outros jovens da tribo são vistos com tristeza por Avá, que considera a vida desses jovens de corpos pintados, como se estivessem preparados para a guerra, uma vida ociosa e inútil; mas o olhar de Avá é o olhar preconceituoso do índio aculturado.

Jaguar, aconselhado pelo velho índio Aroe, aceitará ser o tuxaua do povo mairum, e, embora renitente ao uso do estojo peniano, amarrará o seu próprio membro; é o ritual de passagem da juventude para a maturidade e também a aceitação dos costumes tribais. O romance não desenvolve a história de Jaguar; mas deixa implícita, na figura desse índio, a promessa de resistência da cultura tribal.

2. Os contrastes e semelhanças entre Peri e Isaías-Avá

Em *O guarani*, o herói indígena Peri, da tribo Goitacá, é visto sob a óptica romântica, à luz da filosofia de Rousseau e à moda do romance histórico, de Walter Scott, que o engendrou ressuscitando as proezas da novela de cavalaria. Dessa forma, Peri é descrito fisicamente como um índio de estatura alta, de constituição robusta, feito um animal selvagem, de sono leve, de visão, audição e olfato de maior sutileza. Teme a dor mas não teme a morte, “pois nunca o animal saberá o que é morrer” (Rousseau, 2002, p. 175). Se é dotado de uma constituição física de homem selvagem, por outro lado possui um comportamento, uma moral, semelhantes ao de um cavaleiro medieval à serviço de um sr. feudal, D. Antônio de Mariz. “É difícil contar as vezes em que a audácia e o devotamento de Peri salvam os Mariz de morte certa e atroz” (Bosi, 1978, p. 241). Também esse índio-cavaleiro faz a corte à donzela Cecília, a filha do nobre Mariz; a moça lembra Nossa Senhora física e espiritualmente, o que ratifica o seu amor pelo índio em forma de amizade:

Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu

que o deixasses na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.

— Como? ... Não te entendo!

— Peri, selvagem, é o primeiro dos seus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.

— Um escravo!... Não! Serás um amigo. Eu te juro! exclamou a menina com vivacidade (Alencar, 2004, p. 158).

Se o índio Peri é belo, forte e corajoso, não se pode dizer o mesmo do índio Isaías-Avá, do romance *Maíra*. Este é-nos apresentado com um aspecto doentio, envelhecido prematuramente, em razão de ter sido retirado de sua tribo por um religioso e levado para viver em Roma, onde fez o seminário. Por causa da mudança, sua saúde se tornara frágil. Dessa forma, a cosmovisão da cultura indígena que nos será repassada por meio dessa personagem, vem a ser a de uma cultura prestes a desaparecer após o seu contato com as civilizações européia/brasileira. Assim sendo, deparamo-nos com esse anti-herói dividido entre a sua cultura e a dos brancos. Ele não se reconhece como cristão, tampouco como índio. “Enfim, sua consciência se torna uma espécie de alegoria da impossibilidade do diálogo entre as culturas” (Graça, 1998, p. 87). Não se pode esquecer de que Peri também argumenta com Ceci, a impossibilidade de ele ser cristão e viver na cidade como um homem livre; “lá o selvagem seria um escravo dos escravos” (Alencar, 2004, p. 268).

Isaías-Avá desiste do sacerdócio, e ao retornar da Europa para o Brasil, conhece uma mulher branca, a carioca e socióloga, Alma, que estaria com 28 anos de idade. Seguem ambos para o mesmo destino, a aldeia mairum, junto ao rio Iparanã. Diversamente do índio goitacá, o índio mairum não irá se apaixonar pela moça branca, mas por uma índia de seu povo que não corresponderá aos seus sentimentos. Há uma semelhança entre o comportamento sexual desses índios aculturados, pois o amor que Peri nutre por Cecília, é um amor religioso; é como se ele fosse um guardião da virgindade da donzela; também Isaías-Avá sente-se impotente para se aproximar

sexualmente da índia Inimá que o despreza, embora ele sofra de amor e de desejos por ela. Há uma metáfora da castração sexual do índio, após ser catequizado ou cristianizado.

Peri, ainda que aculturado, pois aprendeu a língua dos brancos, não saiu das matas; e conforme ele explicou a Ceci, só seria respeitado por ela e pelo colonizador, enquanto permanecesse na floresta. Também Isaías-Avá, que saíra da selva, mas para ela havia retornado, não acredita ser possível conviver de forma harmônica com o povo brasileiro; na sua concepção, o povo mairum só existirá enquanto os brasileiros não vierem povoar as margens do rio Iparanã. Ambas as personagens afastaram-se de suas origens: Peri para servir ao colonizador deixou sua taba, com a promessa de um dia retornar; Isaías-Avá, mesmo tendo regressado a sua tribo, não consegue mais se sentir um índio mairum. Desse modo, os jovens de sua tribo são considerados por ele como preguiçosos, palhaços e sodomitas. Essa análise preconceituosa e cheia de amargura feita por Isaías-Avá revela o abismo que se abriu entre ele e a sua gente, depois de ter passado pelo processo de aculturação:

Assim andam, por aí, sem fazer nada. Só se ocupam de viver, de viver à-toa. Estão como que esperando. São os guerreiros novos que vivem de prontidão para a guerra, a guerra que não vem, nem virá (...) Só se ocupam, com ganas, de suas caçadas de brincadeira, ou das grandes pescarias, armadas como façanhas (...) Trabalhar mesmo é só a gente madura e os velhos que trabalham (Ribeiro, 1984, p. 318).

Isaías-Avá não correspondeu às expectativas de sua aldeia que esperava ver nele os prodígios de Maíra, a divindade responsável pela formação cultural e religiosa dos mairuns. Aguardavam-no com ansiedade para assumir a função do tuxaua Anacã, que havia morrido. Mas como Isaías-Avá voltou “perdido, dormente, encantado, embruxado” (Ribeiro, 1984, p. 270), o índio Jaguar teve que substituí-lo. Será essa personagem que lembrará os feitos corajosos de Peri, como, por exemplo, a peripécia da caçada de um tigre. Embora a caçada de ambos tenha tido diferentes propósitos, a de Peri, com feito de

presentear a mulher adorada, Ceci, que desejava ver de perto um tigre vivo; a de Jaguar serviria como prova de destemor, após ter passado por um ritual, e também como um troféu ao tuxaua morto, Anacã, simbolizando a bravura do povo mairum:

Jaguar na frente, visto de longe, parece enorme e disforme. Todos olham apreensivos: que será? Ao chegar mais perto vai mostrando e disfarçando sua estatura descomunal e a cor negrenta. Ele se cobriu inteiro com a pele negra do jaguarum. Sobre sua cabeça traz o cabelo sangrante do acanguçu. Sobre os braços, a pele dos braços e das mãos armadas com as garras inteiras do jaguar (Ribeiro, 1984, p. 82).

O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrível, aguçando os dentes uns nos outros, rugindo de fúria e vingança: de dois saltos aproximou-se novamente. Era uma luta de morte a que ia se travar; o índio o sabia, e esperou tranqüilamente, como da primeira vez (...) Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com as suas armas, cada um com a consciência de sua força e de sua coragem, consideravam-se mutuamente como vítimas que iam ser imoladas (Alencar, 2004, p. 28).

Tanto Peri quanto Isaiás-Avá enfrentaram uma travessia cheia de perigos, andando por uma região isolada, navegando pelo rio em uma frágil canoa. Mas o percurso de ambos diferiu; Peri saiu do meio da floresta com destino à civilização, obedecendo às ordens do pai da moça; já Isaiás-Avá deixou o centro, indo para a periferia; do mundo civilizado para o selvagem, levando contra a sua vontade uma mulher branca que, cansada da prostituição e da droga, procurava a sua salvação no meio dos índios. O herói Peri passou por vários perigos para proteger o colonizador; o anti-herói Isaiás-Avá responde aos que lhe pedem ajuda, à carioca e ao caboclo Antão, que não podia ajudar nem a si próprio, nem mesmo a seu povo mairum.

O desfecho da história de *O guarani* é aberto, pois não sabemos se Peri irá chegar ao fim de sua viagem, interrompida por uma enchente no rio Paraíba. O narrador induz-nos a associar a personagem ao herói mítico, Tamandaré, que após escapar do dilúvio, povoou os campos da nação goitacá. Seriam Peri e Ceci os novos Adão e Eva povoando as terras brasileiras? O escritor J. de Alencar não nos deu essa resposta, optou por um

final associado a uma lenda, provavelmente tendo em vista a história da colonização do Brasil, em que os portugueses prenham as índias, havendo, portanto, um interdito, a não aceitação por parte de uma sociedade preconceituosa de uma versão diferente da nossa historiografia.

Em relação ao *Maíra*, desde o início o romance prenuncia a impossibilidade da fusão harmoniosa da raça branca e indígena, pois os índios já sofrem a suspeita de terem assassinado uma mulher branca que morrera juntamente com os gêmeos, a quem dera à luz, sozinha, em uma praia. E mediante o desenrolar da trama, identificamos a morta como sendo a carioca Alma, a mirixorã dos mairuns ou uma prostituta, conforme ela dizia. O desfecho trágico da carioca é associado ao destino que aguarda o povo tribal: a descrença e a morte de seus mitos, como os dos gêmeos Maíra e Micura; a desagregação tribal e, conseqüentemente, a sua extinção por causa do processo civilizatório da sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Vimos que na poética do Romantismo o índio Peri só foi eleito um herói de superior força física e psíquica porque, conforme as palavras de D. Antônio de Mariz, “Peri é um cavalheiro português no corpo de um selvagem” (Alencar, p. 43), assim sendo, o índio é moldado à imagem de um homem branco de estirpe nobre. Em oposição a essa imagem do “bom selvagem” temos as concepções da esposa e do amigo fidalgo, D. Lauriana e Aires Gomes, que nos remetem à literatura colonial, quando vêem o índio como uma “casta de gente, que nem gente é” (Alencar, p. 65). O discurso de que o índio seria um animal perigoso, sempre reforçado pela fala das personagens Lauriana e Aires Gomes, é de fato comprovado pela ação vingativa dos Aimorés que incendeiam o castelo do fidalgo.

Essa visão dúbia sobre o índio, ora “bom selvagem”, ora “uma fera”, fica evidente em *O guarani*, em que há a negação da cultura autóctone e a sobreposição da cultura européia como valor positivo.

Com relação ao *Maíra*, há uma visão sociológica e antropológica que nos permite conhecer a cultura tribal como uma fonte inesgotável de riquezas e de convivência pacífica com a natureza, porém ameaçada de ser extinta em contato com a civilização dos brancos. O índio Isafas-Avá é a alegoria do índio que perdeu a sua cultura de origem para aderir à cultura do outro; mas o índio ao perder a sua identidade não se apropriou de outra, tornou-se um ser à margem; não é índio, tampouco brasileiro. Averiguamos nesse romance a impossibilidade de culturas tão diferentes conviverem harmoniosamente; registra-se aqui a poética do genocídio, uma vez que os povos tribais estão sucumbindo diante da força da sociedade tecnológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. *O guarani*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BOSI, A. *Imagens do Romantismo no Brasil*. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 1997, v. 5.

GOLDMANN, L. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GRAÇA, A. P. *Uma poética do genocídio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

KOTHE, F. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

MOISÉS, M. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989, v. II.

RIBEIRO, D. *Maíra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ROUSSEAU, J. –J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.